Revista da ANPEGE. v. 17. nº. 32, p. 259 - 281, ANO 2021. e-ISSN: 1679-768X
https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege. // DOI 10.5418/ra2021.v17i32.12488

O MAPA DA PESQUISA DE GÊNERO NA GEOGRAFIA BRASILEIRA (2010 A 2019): Sistematização e análise

THE MAP OF GENDER RESEARCH IN BRAZILIAN GEOGRAPHY (2010 TO 2019): Systematization and analysis

MAPA DE LA INVESTIGACIÓN DE GÉNERO EN LA GEOGRAFÍA BRASILEÑA (2010 A 2019): Sistematización y análisis

Paula Lindo

RESUMO

Na busca de caminhos para a construção metodológica de pesquisa geográfica no âmbito das relações de espaço e gênero, encontramos no feminismo mecanismos de apreensão e compreensão da realidade. Procuramos mapear como os geógrafa(o)s têm abordado a temática "gênero" e "sexualidades" em suas respectivas pesquisas: quem são a(o)s pesquisadora(e)s que se dedicam a tal desafio? Quais os focos de pesquisas referentes às mulheres? Os resultados apresentados neste estudo advêm da consulta e análise do catálogo de dissertações e teses da CAPES, no período de 2010 a 2019. Os principais resultados são: i) aumento do número de dissertações e teses sobre temáticas de gênero; ii) ausência de trabalhos que revelam as espacialidades de alguns sujeitos que tensionam a heterossexualidade normativa; e iii) concentração da produção acadêmica sobre a temática gênero e sexualidades em programas de pós-graduação criados nas duas primeiras décadas do século XXI, localizados em cidades interioranas e não metropolitanas.

Palavras-chave: Geografia; Gênero e sexualidades; Mulheres; Dissertações e Teses.

ABSTRACT

In the search for ways of methodological construction of geographical research considering the relations of space and gender, we find in feminism mechanisms of apprehension and understanding of reality. We seek to map how geographers have addressed the theme of gender and sexualities in their research. Who are the researchers dedicated to this challenge? What are the research focus on women? The results presented in this work come from the consultation and analysis of the CAPES dissertations and theses catalogue, from 2010 to 2019. The main results are: i) increase in the number of theses and dissertations on gender themes; ii) absence of works that reveal the spatiality of some subjects who tension normative heterosexuality; and iii) concentration of academic production on the theme of gender and sexualities in postgraduate programmes created in the first two decades of the 21st century, located in interior and non-metropolitan cities.

Keywords: Geography; Gender and sexualities; Women; Theses and dissertations.

RESUMEN

En la búsqueda de formas para la construcción metodológica de la investigación geográfica en el ámbito de las relaciones espaciales y de género, encontramos en el feminismo mecanismos de aprehensión y comprensión de la realidad. Buscamos mapear cómo la(o)s geógrafo(a)s han abordado el tema de género y sexualidades en sus respectivas investigaciones. ¿Quiénes son lo(a)s investigadore(a)s que se dedican a este desafío? ¿En qué se centra la investigación sobre las mujeres? Los resultados presentados en este trabajo provienen de la consulta y el análisis del catálogo de tesis de maestría y doctorado de CAPES de 2010 a 2019. Los resultados principales son: i) aumento en el número de tesis de maestría y doctorado sobre cuestiones de género, ii) ausencia de trabajos que revelan la espacialidad de algunos sujetos que tensionan la heterosexualidad normativa y iii) la concentración de la producción académica sobre el tema de género y sexualidad en los programas de posgrado creados en las dos primeras décadas del siglo XXI, ubicadas en ciudades del interior y no metropolitanas.

Palabras clave: Geografía; Género y sexualidades; Mujer; Tesis de maestría y doctorado.

Introdução[1]

Experiências acadêmicas, vivências-práticas no/do cotidiano de uma universidade pública no interior do estado do Rio Grande do Sul, somadas aos desafios diários impostos a pessoas que apresentam corpos físicos do sexo biológico feminino, bem como aqueles corpos que representam comportamentos e ações de uma feminilidade preestabelecida culturalmente, colocam-nos constante e permanentemente em situação de observação e reflexão sobre as relações sociais em sua dimensão espacial. Em especial, a respeito da participação das mulheres na produção, percepção e vivência do espaço, bem como suas demandas para garantia de justiça social.

Esta reflexão parte de uma experiência recente, que caminha e é nutrida por estudos, diálogos e inquietações sobre a situação das mulheres no espaço urbano. Nossa formação acadêmica, iniciada em 2002, esteve vinculada à análise das desigualdades socioespaciais, à elaboração de representações gráficas da exclusão social e da compreensão da territorialização de políticas públicas. Em 2016, com a participação no evento sobre microterritorialidades na cidade, ressignificamos as pesquisas e as discussões sobre gênero, sexualidade e suas respectivas espacialidades.

Como geógrafa, pesquisadora, mãe e mulher cis no interior do Rio Grande do Sul, inicio está "nova" trajetória com a pesquisa exploratória sobre gênero, sexualidade e Geografia feminista buscando construir um horizonte de problemas vividos, percebidos e concebidos, mas (ainda) muito negligenciadas no âmbito científico e político da geografia brasileira.

Este tipo de pesquisa proporcionou maior familiaridade com as temáticas, problemáticas e referências[2]. Ela possibilita a observar os desafios diários impostos a pessoas que apresentam corpos físicos do sexo biológico feminino, bem como os corpos sociais femininos – aqueles que representam comportamentos e ações de uma feminilidade preestabelecida culturalmente. Colocamo-nos em situação de observação e reflexão sobre as relações sociais em sua dimensão espacial, especialmente, a respeito da participação das mulheres na produção do espaço, em termos de percepção e vivência, bem como suas demandas e visibilidades para injustiças sociais.

Na busca de caminhos para a construção metodológica de pesquisa geográfica no âmbito das relações de espaço e gênero, encontramos no feminismo mecanismos de apreensão e compreensão da realidade. Acreditamos que o feminismo latino-americano seja potência capaz de tensionar leituras geográficas da realidade baseada no sujeito genérico que invisibiliza as formas de ser, viver e produzir o espaço.

Nessa nova fase de pesquisas e descobertas epistêmicas, procuramos descobrir e mapear como geógrafa(o)s têm abordado a temática "gênero" e "sexualidades" em suas respectivas pesquisas. Quem são a(o)s pesquisadora(e)s que se dedicam/dedicaram a tal desafio? Quais os focos de pesquisas referentes às mulheres?

Além de responder aos questionamentos supracitados, a intenção deste artigo é colaborar na divulgação de informações científicas na ciência Geográfica relacionadas à temática "gênero" e "sexualidade", assim como promover possíveis intercâmbios entre pesquisadores e pesquisadoras. Parte desses questionamentos são respondidos pela produção acadêmica elaborada e divulgada pelo Grupo de Estudos Territoriais (GETE). O estudo de Silva *et al*. (2013), "O corpo como elemento das geografias feministas e QUEER: um desafio para a análise no Brasil", foi um referencial importante para elaboração deste estudo. Optamos em dar continuidade ao banco de dados do Grupo referente à produção das pós-graduações em Geografia pós-2012. No entanto, como inserimos mais dados na pesquisa, os resultados apresentados neste trabalho advêm da consulta do catálogo de dissertações e teses da CAPES, da análise dos dados referentes ao período de 2010 a 2019. Decidimos fazer tal investigação para elaborar o mapeamento (gráfico e cartográfico) das atuais tendências da pesquisa geográfica sobre a temática "gênero" e "sexualidade", materializadas em uma década de trabalhos desenvolvidos por geógrafos e geógrafas das pós-graduações do Brasil. Realizamos a consulta de 23 palavras-chave no banco de tese e dissertações da CAPES.

Identificamos orientadores, orientadoras e membros das bancas examinadoras com a finalidade de verificar uma possível rede de pesquisadore(a)s. Também quantificamos o conjunto de palavras-chave registrado pelos autores e autoras das teses e dissertações para demonstrar as ênfases dadas nas pesquisas. Por fim, analisamos, mais especificamente, os títulos, os resumos e as palavras-chave dos trabalhos com foco nas mulheres, considerando a dimensão das relações de gênero e suas estruturas de poder.

Uma das intenções de pesquisa futura é analisar a condição socioespacial das mulheres sob a perspectiva das desigualdades de gênero. Desvendar as invisibilizações a partir da captura dos sentidos óbvios e obtusos (BARTHES, 1990) da tessitura urbana da cidade a partir do registro, da análise e divulgação de dados, informações e imagens que deem destaque para o lugar e papel das mulheres na produção do espaço urbano.

Tudo isso será apresentado e discutido em forma de tabelas, gráficos, mapas e nuvens de palavras.

Por fim, apresentamos resultados relacionados: i) ao número de dissertações e teses sobre a temáticas de gênero e sexualidadades; ii) a ausência de trabalhos que revelam as espacialidades de alguns sujeitos que tensionam a heterossexualidade normativa; iii) a localização dos PPGGs do Brasil que apresentam conclusão de dissertações e/ou teses entre 2010 e 2019; iv) a identificação de participantes das bancas examinadoras de dissertações; e v) a concentração da produção acadêmica sobre a temática gênero e sexualidades em PPGGs criados nas duas primeiras décadas do século XXI. A seguir, apresento as análises das informações sistematizadas.

Mapeamento de teses e dissertações brasileiras no campo da discussão de gênero e sexualidades no período de 2010 a 2019

O Grupo de Estudos Territoriais (GETE) da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) é um dos grupos de pesquisa que tem evidenciado questões para a análise espacial no Brasil, pautadas no gênero e nas sexualidades, como contraponto às abordagens heteronormativas. Em 2008, o grupo analisou as ementas dos cursos de pós-graduação de trinta universidades brasileiras; em 2013, apresentou estudo em revistas do período 1981 a 2012, bem como a pesquisa no banco de teses e dissertações da CAPES e do IBICT, defendidas no Brasil de 1990 a 2011. Tais estudos levaram a outros questionamentos: como andam as pesquisas no Brasil após 2011? Quais universidades têm produzido conhecimento nessa temática? Quais as redes de pesquisadoras e pesquisadores do Brasil têm construído sobre esses temas? Onde estão? Quem são? Quais os enfoques/as abordagens? Para responder tais questionamentos, busquei compreender as características da produção geográfica brasileira sobre gênero e sexualidades. Para tal, pesquisei no banco de teses e dissertações da CAPES trabalhos elaborados entre 2010 a 2019 (verificar Figura 1).

Primeiramente, a pesquisa foi iniciada no catálogo de dissertações e teses da CAPES, no período de 2010 a 2019, selecionando palavras relacionadas a gênero e sexualidade, como: "corpo", "diversidade sexual", "feminilidades", "feminino", "feminismo" "gay", "gênero", "homoerotismo", "homofobia", "homossexual/homossexualidade", "lésbica", "LGBT", "masculinidade", "mulheres", "prostituição/prostitutas", "*queer*", "sexo", "sexualidade" "trans" e "travesti". Posteriormente, a consulta foi realizada a partir dos seguintes filtros: a) período de 2010 a 2019; b) dissertações e teses; c) palavras mencionadas; d) Ciências Humanas; e e) Geografia. Na sequência, inicia-se a constatação da quantidade de palavras relacionadas a gênero e sexualidade nas pesquisas de mestrandos e doutorando do Brasil, no período de 10 anos e, por fim, na Geografia (Tabela 1).

Palavras-chave pesquisadas	Todos os registros na Plataforma CAPES	Registros entre 2010 e 2019 em todas as áreas do conhecimento	Geografia 2010 a 2019
Corpo	37.847	21.837	26
Diversidade Sexual	61.656	38.707	1
Feminilidades	938	579	1
Feminino	27.631	15.681	13
Feminina	8.852	5.155	3
Feminista	2.204	1.614	2
Gay	1.254	876	2
Gênero	53.259	31.318	19
Homoerotismo	184	87	0
Homofobia	437	381	2
Homossexual/ Homossexualidade	638	369	3
Lésbica	100	75	0
LGBT	645	634	4
Masculinidades	537	412	4
Masculino	21.055	11.548	2
Mulheres	18.531	11.460	51
Prostituição/Prostitutas	763	453	6
Queer	609	553	1
Sexo	42.911	23.975	5
Sexualidade	7.003	4.190	4
Trans	4.096	2.265	4
Travesti	233	194	6

Tabela 1: Ocorrência de palavras referentes a gênero e sexualidade em títulos de dissertações e teses brasileiras entre 2010 a 2019
Fonte: *Banco de teses e dissertações CAPES – 2010 a 2019. (Pesquisa realizada no mês de junho de 2020. Informações organizadas pela autora).*

Ao selecionar a área do conhecimento "Geografia", verificamos 155 palavras nos títulos, uma média de apenas 0,42% das palavras de todas as áreas no mesmo período. Em 10 anos, geógrafos e geógrafas produziram 133 trabalhos em Programas de Pós-Graduação em Geografia, cujas temáticas estão relacionadas a gênero, sexualidade e visibilidade de múltiplos sujeitos em suas relações espaciais. Há uma diferença entre o número de palavras e trabalhos porque há trabalhos com mais de uma das palavras pesquisadas no título (por exemplo, "homofobia, gênero e diversidade sexual"; "LGBT e sexualidades"; "Queer, corpos e gênero").

O número cento e trinta e três (133) denuncia como é reduzido o número de geógrafo(a)s, no Brasil, com linhas ou projetos de pesquisa que tenham por objetivo compreender as temáticas de gênero e sexualidade a partir da espacialidade. Em 17 de junho de 2020, no banco de teses e dissertações, havia o registro de 10.662 trabalhos na área de conhecimento Geografia (2010-2019), dos quais apenas 1,24% estavam relacionados à temática "gênero" e "sexualidades".

O banco de dados da pesquisa foi construído no *software* livre *Libre Office Calc*. Os dados foram organizados em planilha com temáticas em colunas: a) ano da publicação; b) título; c) nome do(a) autor(a)[3]; d) orientação; d) membros da banca; e) instituição de origem dos membros da banca; f) palavras-chave. No conjunto, identificamos 25 teses e 107 dissertações sobre a temática "gênero" e "sexualidades", ou seja, 80,45% das pesquisas foram elaboradas por mestrando(a)s. Dos 132 trabalhos, 95 foram elaborados por pessoas do sexo feminino (verificar gráficos 1, 2 e 3).



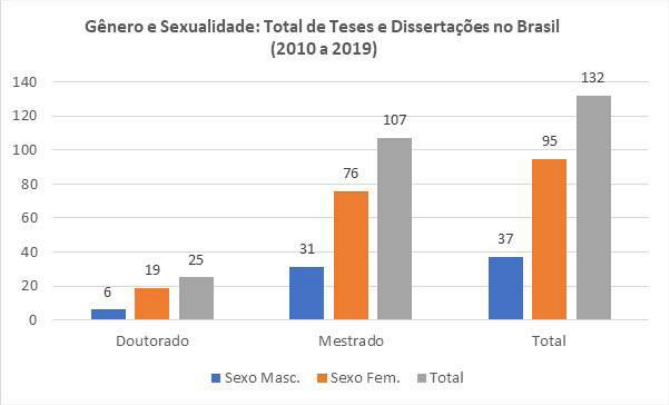


Gráfico 2 e 3: Gênero e Sexualidade em Teses e Dissertações (2010 a 2019)
Fonte: *Dados de teses e dissertações CAPES referentes a gênero e sexualidades.*
(Pesquisa realizada no mês de junho de 2020. Informações organizadas pela autora).

O Gráfico 4 mostra que, dos 18,80% das pesquisas de doutorados, 14,29% foram elaboradas por pessoas do sexo feminino, e dos 80,45% das pesquisas de mestrados, mais de 58% foram elaboradas por autorias com nomes femininos, ou seja, o sexo feminino foi responsável por uma média de 65% das produções acadêmicas do período analisado. Cabe lembrar que há um desequilíbrio na quantidade total de produção entre mestrado e doutorado por causa ao número de vagas ofertadas nos editais de seleção de pós-graduação (maior número de vagas para mestrado). Além disso, a duração de um curso de mestrado é de dois anos, enquanto doutorado é de quatro anos. Ou seja, a cada quatro anos, para dois mestrados (m) concluídos há apenas um doutorado (d). Em oito anos, são dois (d) para quatro (m). Em 12 anos, são 3 (d) para 6 (m). Então, sempre haverá disparidades nas produções. Além disso, muitos programas de pós-graduação têm somente mestrado.

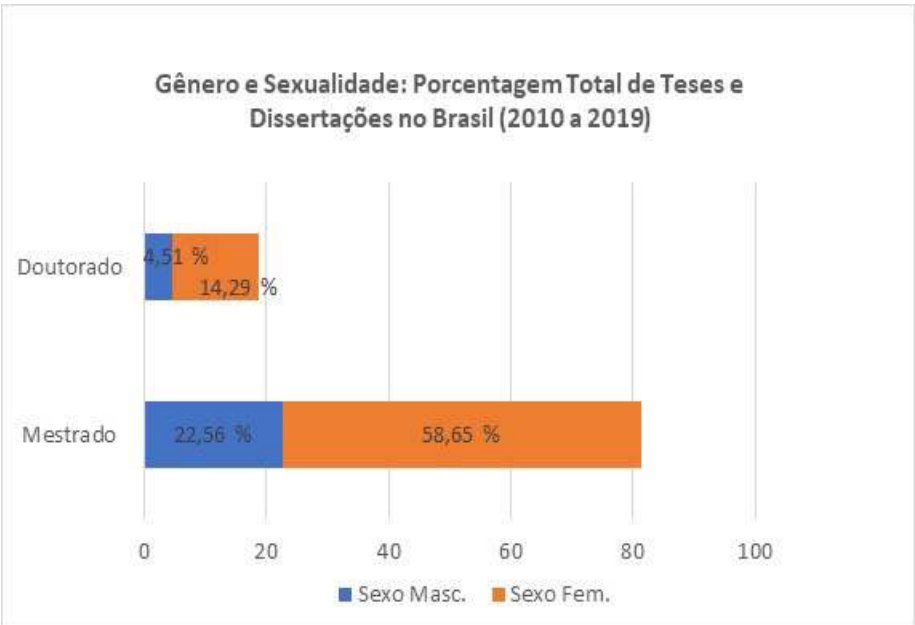
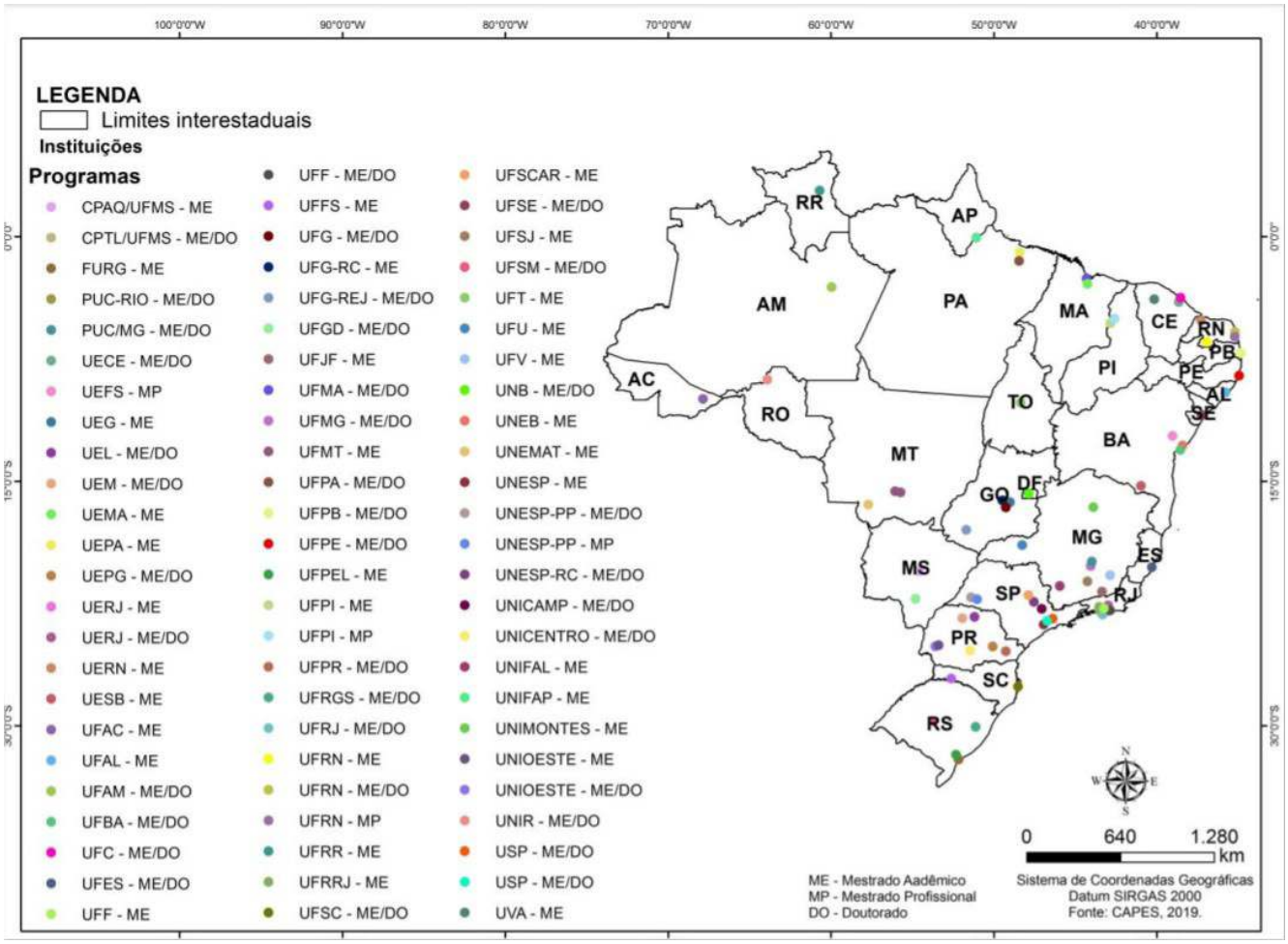


Gráfico 4: Porcentagem de teses e dissertações registradas na Plataforma CAPES



Mapa 1 - Brasil: Distribuição dos 76 Programas de Pós-Graduação em Geografia em 2019 e destaque para os programas com mais de seis defesas

De acordo com informações da base Sucupira, o Brasil possuía, em 2018, 72 cursos de mestrados acadêmicos e 37 doutorados avaliados e reconhecidos pela CAPES. O primeiro programa de pós-graduação em Geografia foi criado pela USP, em 1971, seguido pelos programas da UFRJ, em 1972, da UFPE, em 1976, e da UNESP – Rio Claro, em 1977. Até 1995, havia apenas 11 programas em três regiões do país. No relatório de área da CAPES, consta que os PPGs em Geografia, de meados de 1990 até 2019, aumentaram quase 700%, resultando em 76 programas (Mapa 1) que oferecem cursos de mestrado acadêmico, doutorado acadêmico e/ou mestrado profissional (PAES, CORREA, MARAFON, 2019).

Um estudo de Silva *et al*. (2013) aponta que "foi apenas no século XXI que ocorreu um impulso na produção de trabalhos científicos com base em categorias sociais como gênero, mulheres e sexualidade" (p. 100). Segundo o(a)s autore(a)s, entre 1990 a 2000, foi registrado somente quatro trabalhos defendidos com temática "gênero" e "sexualidade". Nesse sentido, cabe ressaltar que o primeiro trabalho acadêmico foi defendido na USP, em 1991. Trata-se da tese de Sonia Alves Calió, intitulada "Relações de gênero na cidade: uma contribuição do pensamento feminista à Geografia Urbana". O segundo trabalho foi defendido em 1995, na UNESP de Presidente Prudente, SP. Trata-se da dissertação de Lucimar de Araújo, "O trabalho da mulher nos assentamentos rurais: o exemplo das glebas XV de Novembro, Rosana e Areia Branca no Pontal do Paranapanema". Nos anos seguintes, de 2001 a 2011, os autores levantaram 36 trabalhos entre dissertações e teses com temas mencionados.

Assim como Silva *et al*. (2013), o estudo aqui apresentado constata que cursos de pós-graduação criados mais recentemente e localizados fora das cidades metropolitanas têm contribuído com a expansão dos estudos de gênero e sexualidades. No Mapa 1, é possível localizar todos os PPG em Geografia existentes em 2019, bem como identificar os sete programas que desenvolveram mais de seis pesquisas entre 2010 e 2019.

Dos 76 PPGs em Geografia, destaco, neste artigo, os da UEPG, UFG, UNIR e UFSM, devido às respectivas relevâncias para pesquisas de gênero e sexualidade e à representação de centros não tradicionais de saber geográfico. A UFG teve o 1º curso de mestrado em 1995 e o de doutorado em 2007, em Goiânia, enquanto o *Campus* de Catalão implementou o mestrado em 2008. A UEPG teve o mestrado efetivado em 2006 e o doutorado em 2013. A UNIR teve o mestrado em 2006. E, na UFSM, a implementação do mestrado ocorreu em 2003; do doutorado, em 2013.

No Gráfico 4, a seguir, observa-se que um único programa concluiu a orientação de 18 trabalhos ao longo de dez anos. Por outro lado, 12 PPG em Geografia possuem uma única produção no mesmo período. Curioso notar que apenas duas pessoas fizeram o mestrado e doutorado sobre a temática "gênero" e "sexualidade", ambos do mesmo programa, o PPG em Geografia da UEPG. Isso é mais um indicativo de como os estudos de gênero são recentes na Geografia brasileira e estão concentrados em instituições específicas.

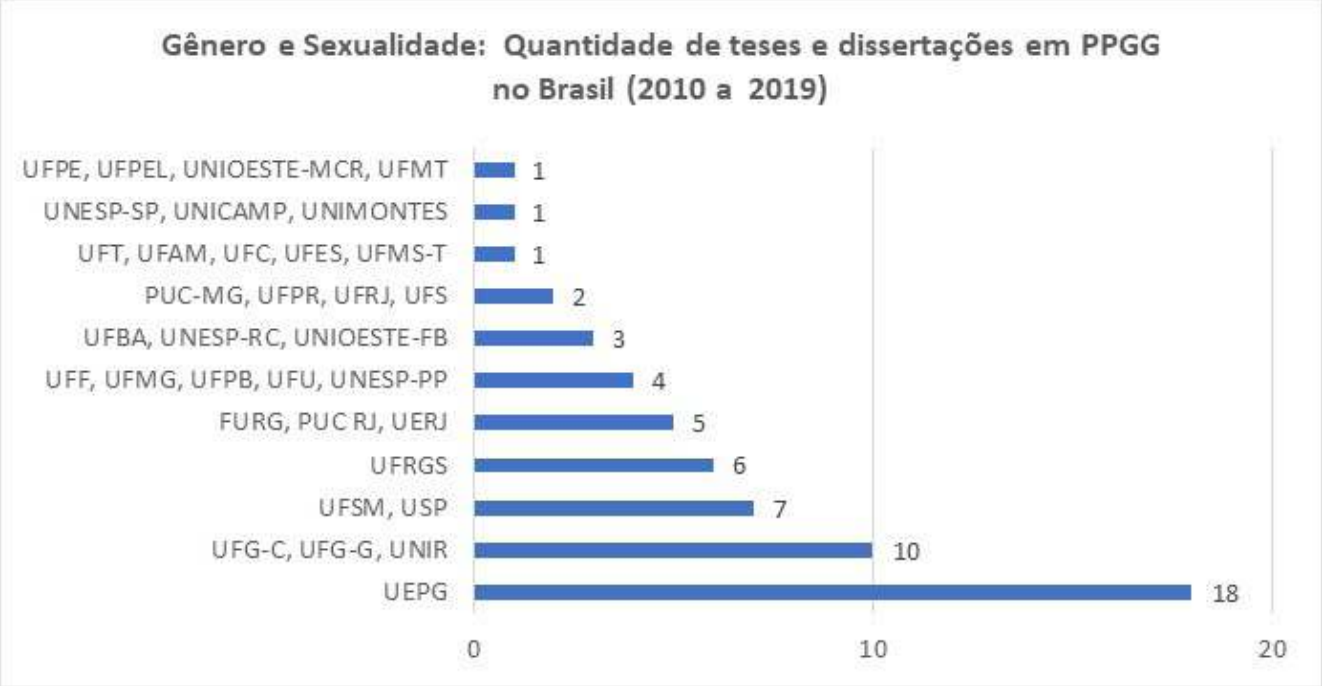


Gráfico 5: Valor total de teses e dissertações sobre gênero e sexualidades e destaque para os Programas com mais de seis defesas
Fonte: *Dados retirados da plataforma CAPES, referentes a gênero e sexualidades.*
Pesquisa realizada no mês de jun. 2020. Informação organizada pela autora.

Cabe destacar que 51,87% das produções estão concentradas em sete programas de pós-graduação em Geografia: UEPG (15 dissertações e 3 teses); UFG *campus* Catalão (10 dissertações); UFG *campus* Goiânia (4 dissertações e 5 teses); UNIR (10 dissertações); USP (5 dissertações e 2 teses); UFSM (7 dissertações) e UFRGS (5 dissertações e 1 tese).

Por outro lado, no mesmo período, 47,05% dos programas analisados (16 instituições) apresentaram apenas um ou dois trabalhos. Instituições tradicionais de ensino superior que implementaram os primeiros programas de pós tiveram baixa produção entre 2010 e 2019, por exemplo: UFRJ (1 tese, 2011 e 1 dissertação, 2018); UFPE (1 dissertação, 2016); UNESP-Rio Claro (1 dissertação, 2016 e 2 teses, 2015 e 2017). O programa da USP, com 49 anos de existência, possui sete defesas sobre a temática "gênero" e "sexualidade" nos últimos dez anos. São seis docentes responsáveis por orientações de teses e dissertações. Destes, o prof. Francisco C. Scarlato é o orientador de duas dissertações com a temática "mobilidade e corpo". Aqui cabe destacar que a nossa pesquisa focou em palavras-chave que julguei fazer parte dos estudos de gênero e sexualidade.

Assim como foi demonstrado por Silva *et al*. (2013), de 1990 a 2011, os trabalhos continuam concentrados em programas criados nas duas primeiras décadas do século XXI, localizados em cidades do interior e não metropolitanas.

Além de evidenciar disparidades entre as produções de mestrado e doutorado por ano, o próximo gráfico (Gráfico 6) revela um salto de produção entre 2012 e 2013 no nível de mestrado, de 3 para 16 trabalhos.

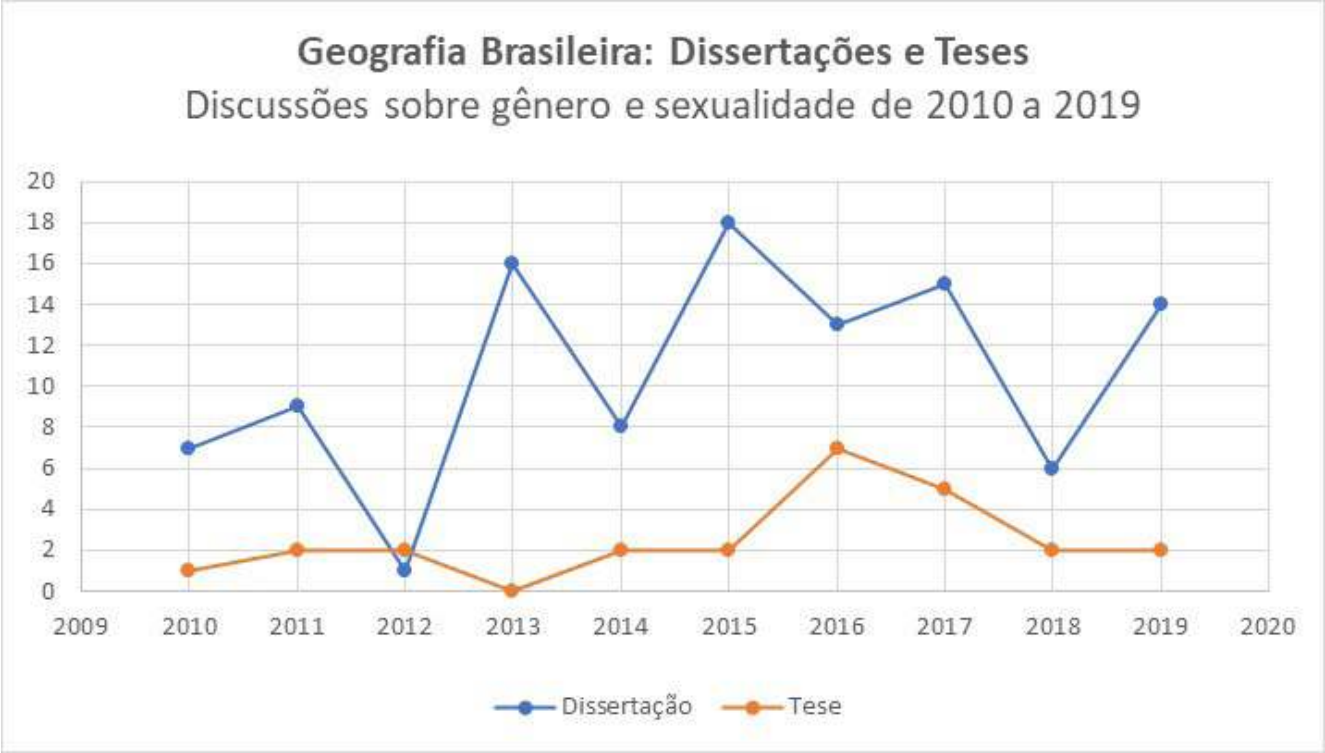


Gráfico 6: Valor total de teses e dissertações sobre gênero e sexualidades
Gráfico 6: Dados retirados da plataforma CAPES, referentes a gênero e sexualidades. Pesquisa realizada no mês de junho de 2020.

Referente ao período de análise, há uma baixa porcentagem de defesa em 2012 (2,26%) e uma média de 15,28% durante três anos consecutivos 2015, 2016, 2017 em comparação ao demais anos (Gráfico 6). As informações obtidas não explicam o porquê de tal queda de 2011 para 2012. No entanto, uma hipótese é que isto talvez se deva ao fato de que, em anos anteriores, docentes que orientam sobre tais temáticas tenham tirado licença para a realização de pós-doutorado e não tenham sido abertas vagas para seleção nos programas de pós.

É interessante notar que, no processo referente ao crescimento do número de defesas de mestrado e doutorado no período, há mais docentes que passam a orientar pesquisas na temática "gênero" e "sexualidade". Na Tabela 2, é possível verificar que, entre o período de 1990 a 2000, há um número fixo de defesas. Após o ano de 2001, um crescimento de defesas. Isso pode ser explicado pelo aumento do número de orientadores nessa área.

Em comparação aos dados apresentados pelo GETE até o ano de 2011, chama a atenção um aumento significativo de trabalhos apresentados em 2013, 2015, 2016 e 2017. Na tabela 2, de acordo com dados de Silva *et al*. (2013), no período de 21 anos, de 1990 a 2011, houve 33 trabalhos defendidos. O gráfico representa em porcentagem os 133 trabalhos nos dez anos de análise, sendo que nos anos de 2015, 2016 e 2017 houve um registro mais contínuo nas produções ocorrendo de 20 a 21 trabalhos defendidos. De modo geral, apesar da baixa produção geográfica referente às discussões de gênero e sexualidade houve um impulso significativo na produção de trabalhos científicos nessa temática nos últimos dez anos (2010-2019) quando comparado aos 20 anos entre 1990 e 2011.

Dissertações e teses em PPG em Geografia (1990-2011)	
Período	**Quant.**
1990 – 1995	2
1996 – 2000	2
2001- 2005	8
2006 – 2010	21

Tabela 2: Valor total de teses e dissertações sobre gênero e sexualidades e destaque para os Programas com mais de seis defesas
Fonte: *Dados elaborados pelo grupo GETE em 2013. Com temas relativos a gênero e sexualidades no Brasil*

Depois de identificar os trabalhos defendidos por universidade (gráfico 5) e quantidade de defesas por anos (gráfico 6), analisei as instituições que tiveram mais de seis produções no período de 10 anos. Ou seja, quem são as pesquisadoras e pesquisadores responsáveis por 51,87% das produções que estão concentradas em sete dos programas de pós-graduação em Geografia?



Gráfico 7: Porcentagem de teses e dissertações sobre gênero e sexualidades e destaque para os Programas com mais de seis defesas
Fonte: *Catálogo de teses e dissertações da CAPES – 2010 a 2019. (Pesquisa realizada no mês de junho de 2020).*

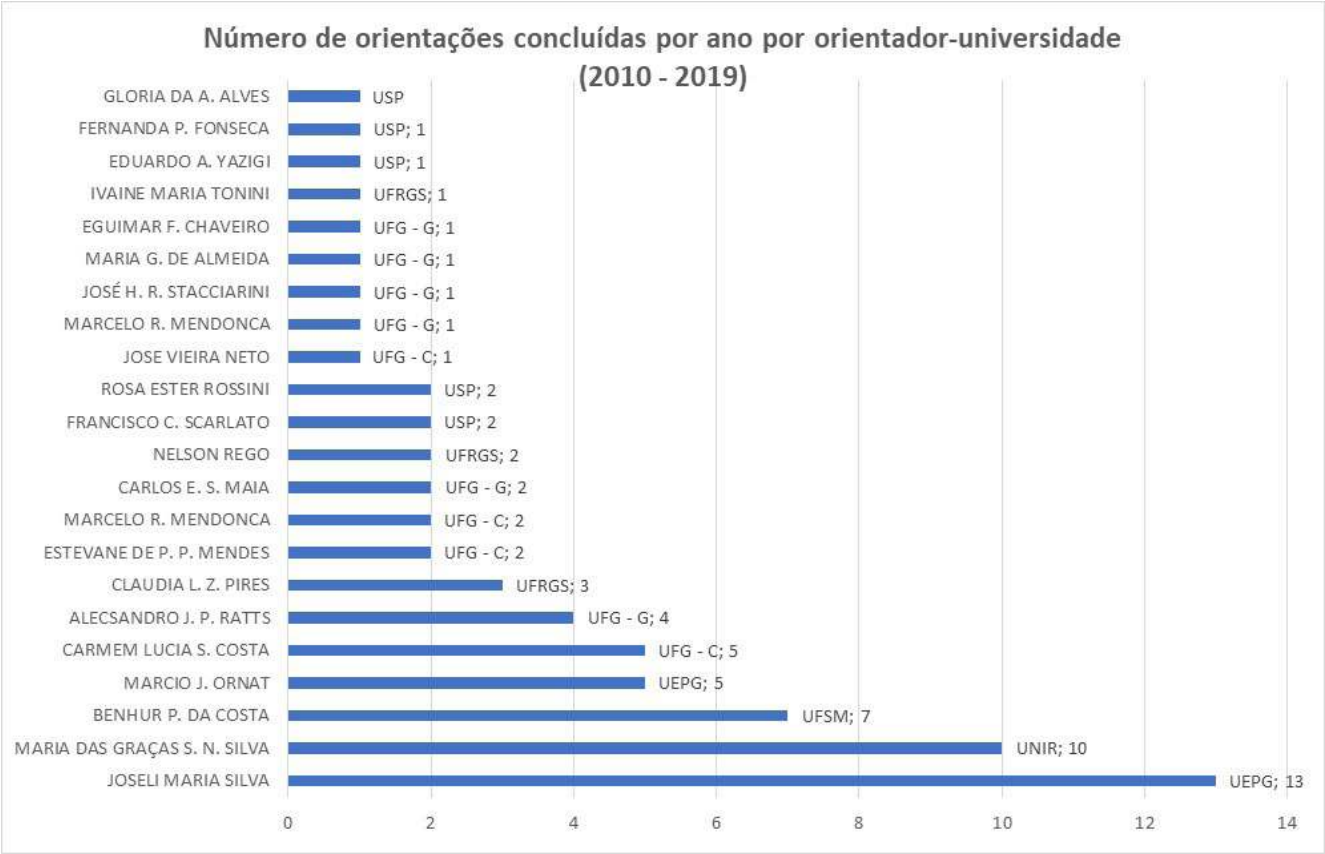


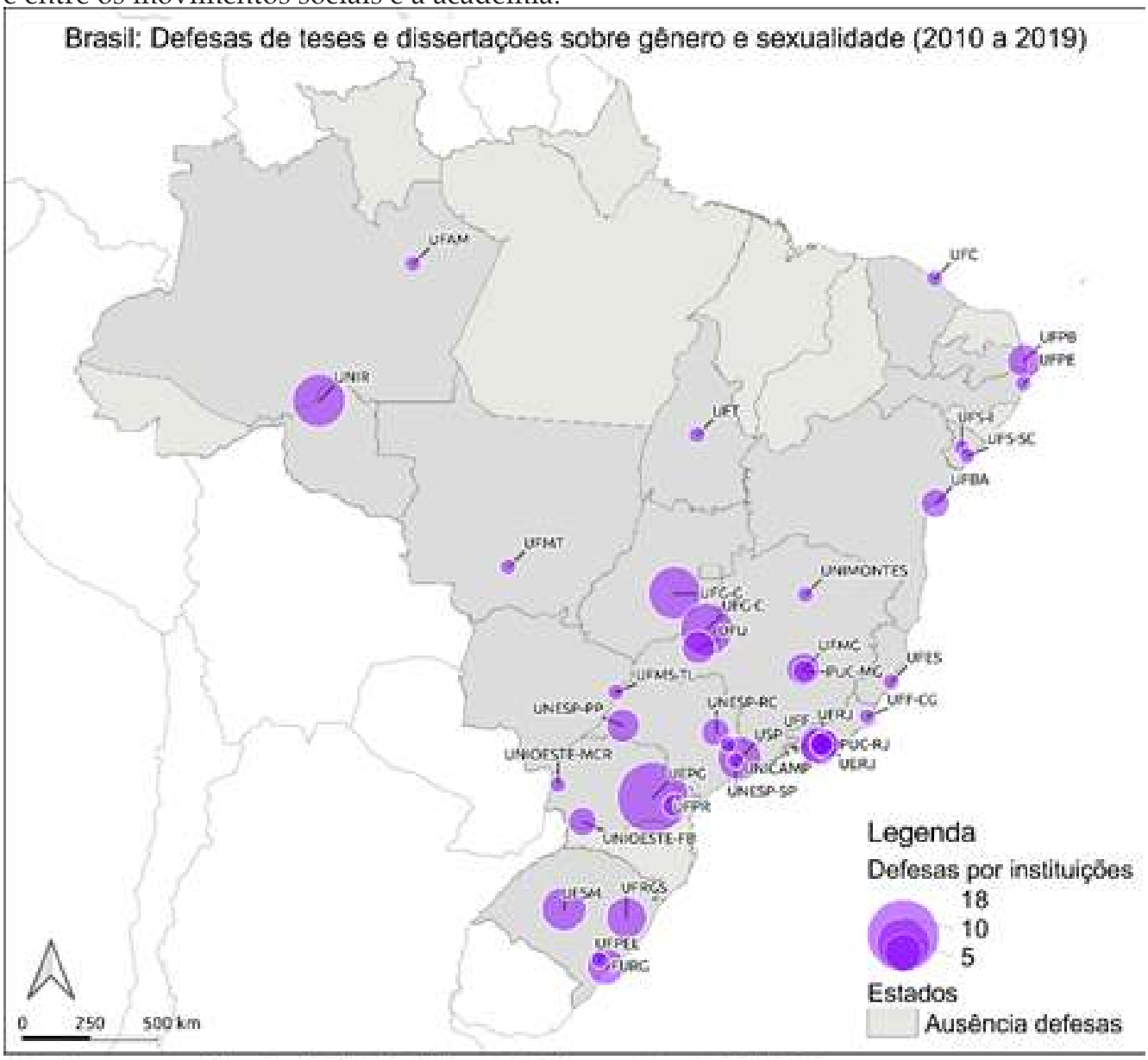
Gráfico 8: Valor total de orientações concluídas sobre gênero e sexualidade
Fonte: *Dados retirados da plataforma CAPES, referentes a gênero e sexualidades. Pesquisa realizada no mês de jun. 2020. Informações organizada pela autora.*

Observa-se a ocorrência de uma grande diversidade de orientadore(a)s que no período de dez anos orientou de um a dois trabalhos. Isso nos leva a crer que se trata de uma posição e defesa de temáticas que os discentes enfrentaram para conquistar seus títulos. Certamente estas orientações contaram com a sensibilidade e apoio dos respectivo(a)s orientadore(a)s. Por outro lado, também identifica-se, a partir do gráfico, a presença de docentes que têm construído uma trajetória de orientações e pesquisas sobre a temática "gênero" e "sexualidade", como Joseli Silva, Maria das Graças Silva, Benhur Costa, Márcio Ornat, Camem Lucia Costa, Alecsandro Ratts e Claudia Pires.

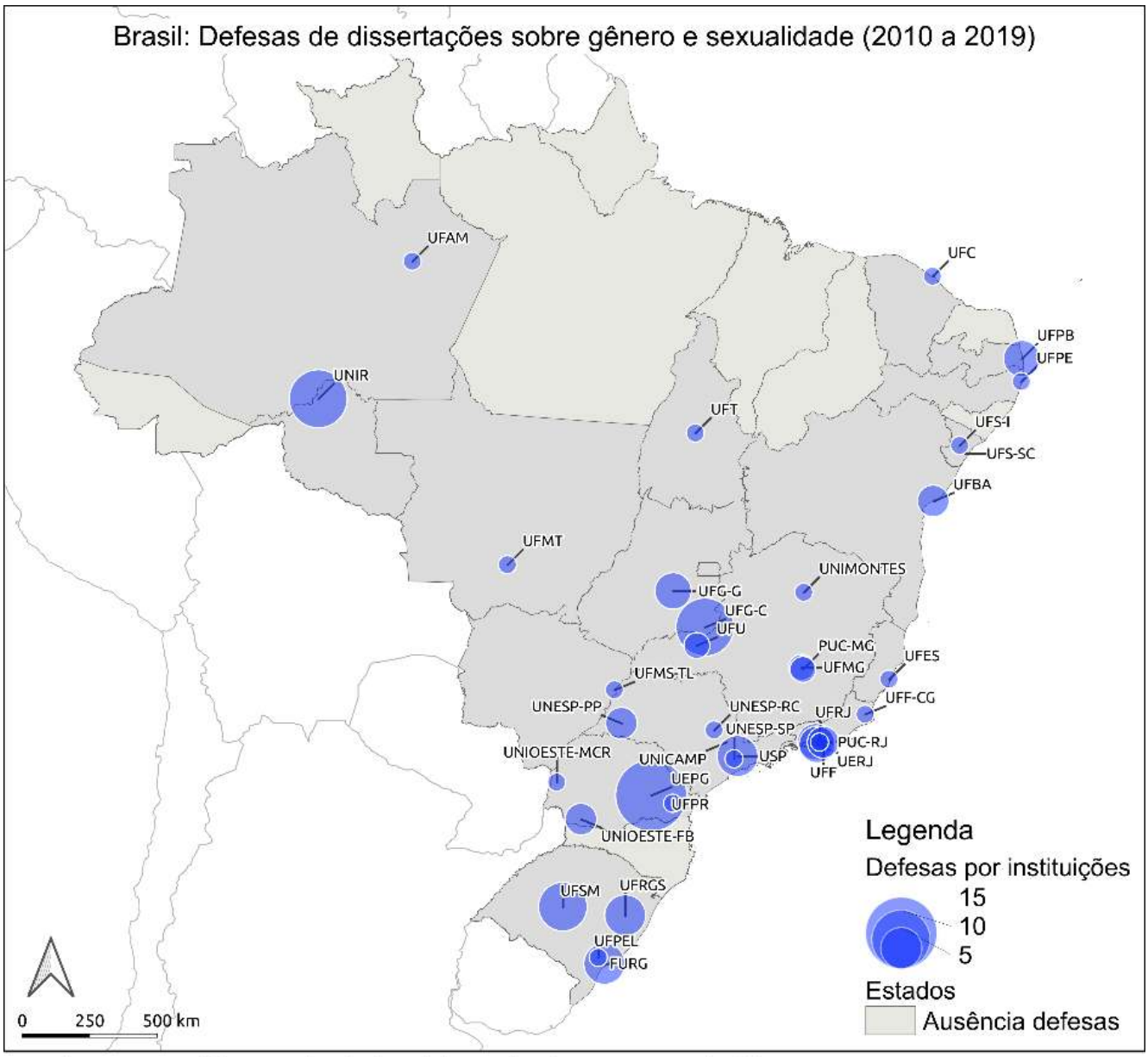
Após identificar a quantidade de trabalhos defendidos e orientações no período de análise proposto (2010-2019), foram elaborados três mapas que auxiliam na observação da espacialização das Instituições de Ensino Superior que apresentaram trabalhos com a temática "gênero" e "sexualidade", além da rede estabelecida entres os orientadores e membros das bancas de defesas. São 34 programas, como já mencionado, localizados nas seguintes instituições: 1. UEPG; 2. UFG-Catalão; 3. UFG/Goiânia; 4. UNIR; 5. UFSM; 6. USP; 7. UFRGS; 8. FURG; 9. PUC-RJ; 10. UERJ; 11. UFF; 12. UFMG; 13. UFPB; 14. UFU/Uberlândia; 15. UNESP/Presidente Prudente; 16. UFBA; 17. UNESP/Rio Claro; 18. UNIOESTE/Francisco Beltrão; 19. PUC-MG; 20. UFPR; 21. UFRJ; 22. UFS; 23. UFT; 24. UFAM; 25. UFC; 26. UFES; 27. UFMS/Três Lagoas; 28. UNESP/São Paulo, 29. UNICAMP, 30. UNIMONTES, 31. UFPE, 32. UFPEL, 33. UNIOESTE/Marechal Candido Rondom; e 34. UFMT. Isso equivale a 44,73% do total de PPG em Geografia do Brasil.

Mesmo havendo Programas em Geografia em todos os estados, cabe observar que há nove estados em que não foi identificada nenhuma defesa de dissertação e tese sobre a temática "gênero" e "sexualidade". Inclusive chama a atenção a ausência de defesas nos PPGs em Geografia em Santa Catarina. O programa da UFFS foi implementado em 2019, o que justifica não haver defesas. Já o mestrado do PPG em Geografia da UFSC foi criado em março de 1985. Em 1999, foi aprovado o curso de Doutorado. Chamamos atenção para esse fato, porque Florianópolis se destaca, com certa frequência, como espaço político, relevan-

te de movimentos organizados em defesa de Direitos Sociais de Mulheres e de LGBTQIA+. O Seminário Internacional Fazendo Gênero, por exemplo, é realizado há 18 anos na UFSC, com apoio da UDESC. O primeiro encontro "Fazendo Gênero - Seminário de Estudos sobre a Mulher" aconteceu de 30 de novembro a 2 de dezembro de 1994, organizado pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura. Trata-se de um evento de caráter internacional que procura estabelecer laços entre os feminismos, os grupos e movimentos LGBTQIA+ de diversos continentes e busca promover um espaço de interlocução, considerando os contextos diversos entre os diferentes campos do conhecimento, as suas expressões artísticas e entre os movimentos sociais e a academia.



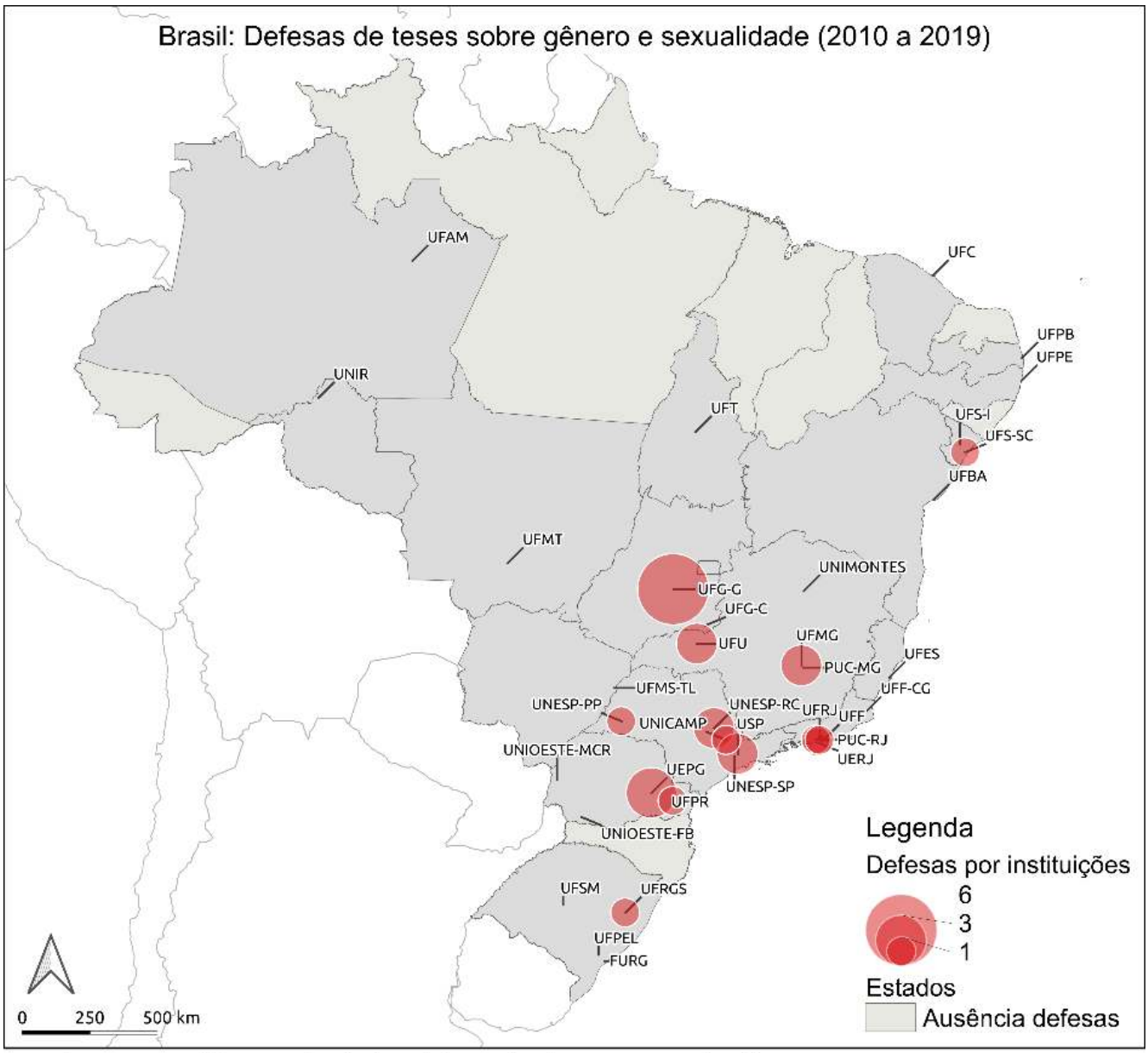
Mapa 2 - *Brasil: localização dos PPG em Geografia e total de defesas*



Projeto cartográfico: Paula Lindo; Elaboração: Éverton Kozenieski, 2020.
Fonte de dados: CAPES - Catálogo de Teses e Dissertações, 2020; Bases cartográficas: SIRGAS 2000/ Coord. Geográficas.

Mapa 3 - Brasil: localização dos PPG em Geografia e total de dissertações

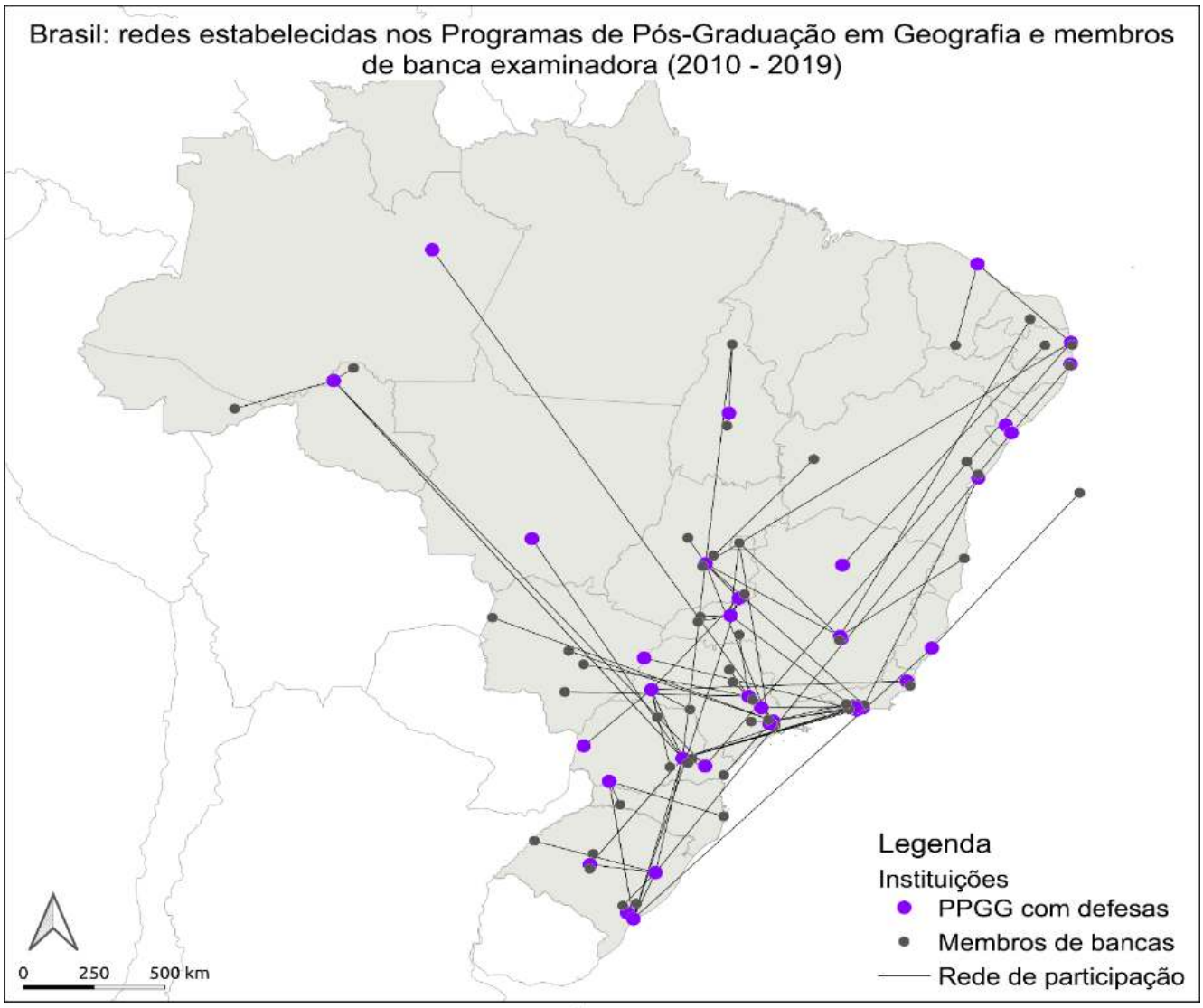
Nos próximos dois mapas, as informações foram separadas. Há um mapa com as defesas de teses (mapa 3) e o outro com as dissertações (mapa 4). Trata-se de outra maneira de visualizar as diferenças quantitativas entre dissertações e teses produzidas no Brasil e, ao mesmo tempo, verificar a concentração e dispersão das produções acadêmicas por região.



Projeto cartográfico: Paula Lindo; Elaboração: Éverton Kozenieski, 2020.
Fonte de dados: CAPES - Catálogo de Teses e Dissertações, 2020; Bases cartográficas: SIRGAS 2000/ Coord. Geográficas.

Mapa 4: - Brasil: localização dos PPG em Geografia e total de teses

Os mapas de localização de defesas geram outro questionamento, referente à rede formada a partir das bancas de dissertações e teses: como se estabelece a participação dos membros das bancas? Esse questionamento pode ser respondido mais adequadamente a partir de pesquisas futuras com o(a)s orientadore(a)s. No entanto, é sabido que cada PPG em Geografia possui regras próprias quanto ao número de participantes nas bancas de avaliação, mas geralmente há participação de, no mínimo, dois avaliadores (um membro interno ao programa e um externo) em defesas de mestrado. Quanto às bancas de doutorado, o número de membros varia de três a cinco participantes, com a mesma lógica de participantes internos e externos ao Programa. No mapa a seguir, é possível visualizar a espacialização da rede que foi estabelecida pelos PPGs em Geografia e membros das bancas examinadoras. O ponto roxo indica os PPGs em Geografia que tiveram, pelo menos, uma defesa de tese ou dissertação. O ponto preto indica a localização de membros que participaram das bancas de avaliação.



Mapa 5 - Brasil: rede estabelecida devido as defesas nos PPG em Geografia

Para indicar a quantidade de vezes que uma pessoa participou de uma banca, seria necessário trabalhar com espessuras das linhas, o que dificultaria a leitura da informação no mapa, por isso apresento essa informação em gráficos, a seguir. Interessante notar que algumas redes são mais concentradas e outras mais amplas. Destacamos sete exemplos: os trabalhos da UFSM, com sete defesas, e UNIR, com 10 defesas, as quais mantiveram contato com pesquisadore(a)s de três municípios diferentes da sede dos respectivos Programas; UFG-Catalão (10 defesas); USP (7 defesas) e UFRGS (6 defesas) contaram com a presença de pesquisadore(a)s de 4 municípios; UEPG (18 defesas) e UFG-Goiânia (10 defesas) convidaram pessoas de sete e oito municípios, respectivamente.

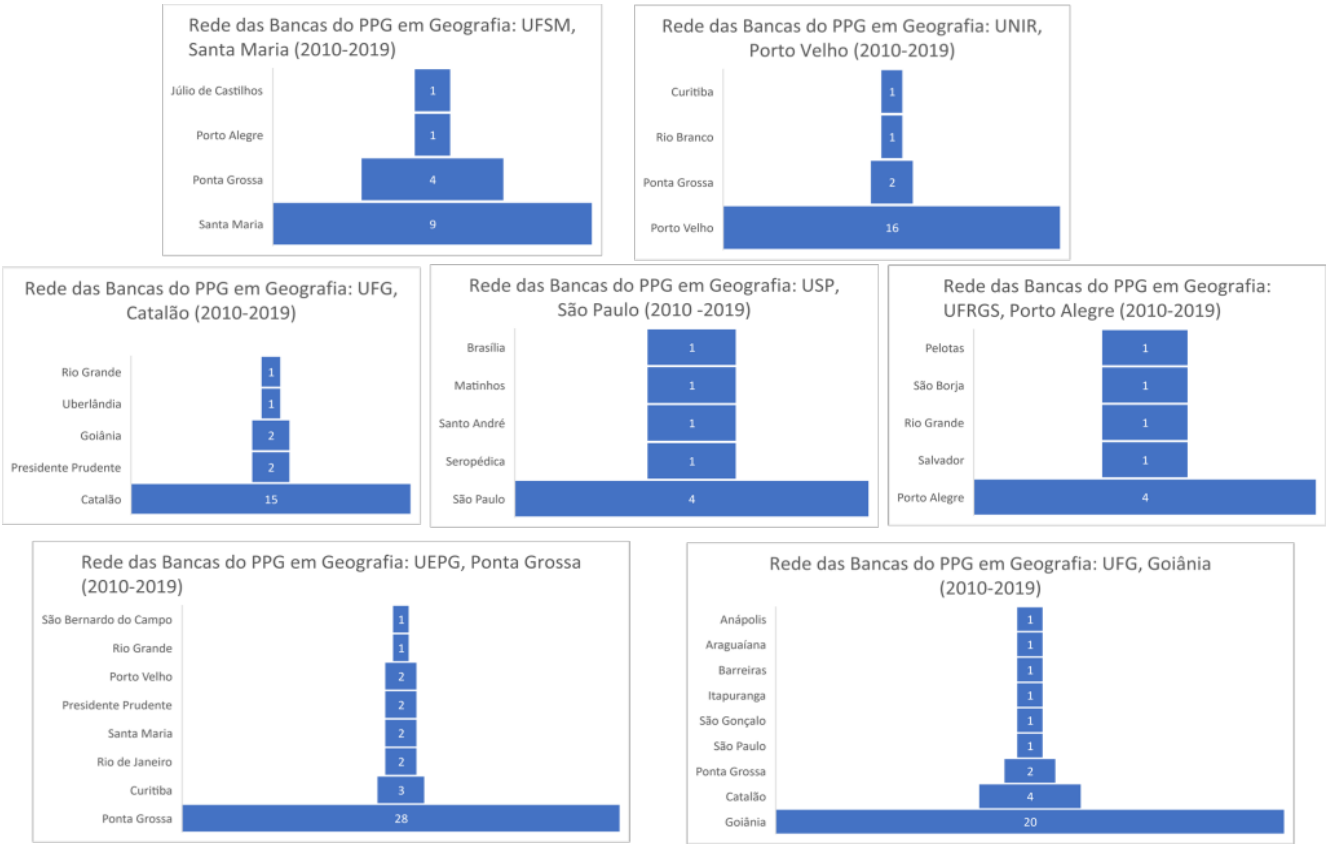


Gráfico 8 - Redes das bancas de sete PPG em Geografia
Fonte: *Dados da plataforma CAPES, referentes a genero e sexualidade (pesquisa realizada no mês de Junho de 2020)*

Ao pesquisar os dados CAPES sobre gênero e sexualidades, a intenção foi verificar a rede estabelecida entre os PPG em Geografia com os membros das bancas de defesas de teses e dissertação. E, nesse sentido, os gráficos revelam a quantidade de convites feitos a pesquisadore(a)s de acordo com a instituição à qual eles/elas estão vinculados. Exemplo: a UEPG, com dois pesquisadores (Joseli Silva e Márcio Ornat), os quais realizaram 18 bancas de defesa. Destas, Maria das Graças, da UNIR, Benhur Costa, da UFSM, e Miguel Angelo Ribeiro, da UERJ, foram convidados duas vezes para avaliação de bancas. Da UFPR, foram convidados três avaliadore(a)s: Maria Rita César, Rodrigo Horochovski e Wolf Sahar; da FURG e da UFABC, participaram mais dois avaliadores. Por fim, da UEPG, nove pessoas foram convidadas para bancas, totalizando 28 convites. Portanto, a rede estabelecida do PPG em Geografia da UEPG é de 17 avaliadore(a)s.

As informações nos permitem identificar que há programas que estabelecem redes mais amplas. Há outros que não estabelecem essa rede ou ela é sutil. Por exemplo, em termos de rede, as mais sutis são as da UFSM e a da UNIR. Em um segundo grupo, estão as redes da USP e UFRGS. O terceiro nível de rede é estabelecido pela UEPG e a UFG. Na coleção de mapas a seguir, é possível verificar a espacialização das redes dos sete programas que mais orientaram teses e dissertações nos últimos dez anos (Prancha 1).

Além da localização dos participantes por programas, verificamos o alcance das redes estabelecida pelo(a)s orientadore(as). A UFG-Goiânia fez 32 convites e estabeleceu relação com 24 avaliadores. A UEPG fez 42 convites e estabeleceu rede com 23 avaliadores. A USP fez 20 convites e teve 20 avaliadore(a)s diferentes. A UFG-Catalão fez 20 convites e teve presentes 17 avaliadore(a)s. A UFRGS fez 18 convites e teve 14 avaliadore(a)s nas bancas. A UFSM fez 20 convites e teve 10 avaliadore(a)s.

Instituição	Orientador(a)	Total de Defesas	Total de Convites	Convidados	Total de Avaliadores
UEPG	Joseli Silva	13	32	17	23
UEPG	Marcio Ornat	5	10	7	
UFG-Goiânia	Alecsandro Ratts	4	14	11	24
UFG-Goiânia	Carlos Maia	2	8	6	
UFG-Goiânia	Eguimar Chaveiro	1	2	2	
UFG-Goiânia	José. Stacciarini	1	2	2	
UFG-Goiânia	Marcelo Mendonça	1	2	2	
UFG-Goiânia	Maria Geralda	1	4	4	
UFG-Catalão	Carmem Lucia Costa	5	10	8	17
UFG-Catalão	Estevane Mendes	2	4	3	
UFG-Catalão	Jose Vieira Neto	1	2	2	
UFG-Catalão	Marcelo Mendonça	2	4	4	
UNIR	Maria das Graças Silva	10	20	10	10
UFRGS	Claudia Pires	3	8	7	14
UFRGS	Ivaini Tonini	1	3	3	
UFRGS	Nelson Rego	2	7	7	
UFSM	Benhur Costa	7	15	10	10
USP	Eduardo Yazigi	2	2	2	20
USP	Fernanda Fonseca	1	3	3	
USP	Francisco Scarlato	2	5	5	
USP	Glória Alves	1	2	2	
USP	Ester Rossini	2	8	8	
7 instituições	21	69	167	-	-

Tabela 3: Pesquisadore(a)s dos PPG em Geografia com mais de seis orientações concluídas de 2010 a 2019 e suas respectivas redes de avaliadore(a)s
Fonte: *Banco de teses e dissertações da CAPES. (Elaborada em julho de 2019, pela autora).*

Além da identificação e apresentação das informações mais gerais quanto às teses e dissertações sobre gênero e sexualidades, também apresentamos uma breve leitura que auxilia a qualificar esses trabalhos. Quem são as pessoas que estudaram, pesquisaram e sistematizaram os trabalhos acadêmicos nos PPG em Geografia nos últimos dez anos no Brasil?

De acordo com Silva (2009), Cesar (2015), Cesar *et al.* (2017), a partir da análise de 13 periódicos on-line científicos mantidos por entidades geográficas, dos estratos A1 e A2 (Sistema Qualis – CAPES), no triênio 2013-2015, o universo da produção científica geográfica brasileira permanece majoritariamente masculinizado. Segundo as autoras, "é evidente a expressiva participação masculina na autoria de artigos nos periódicos mais bem qualificados, correspondendo a 65% do total de publicações" (CESAR *et al.*, 2017, p.7302), cuja justificativa apresentada por elas é que, enquanto os homens utilizam o seu tempo no espaço privado para produzir artigos científicos, as mulheres destinam seu tempo para atividades domésticas e cuidados com os filhos.

No entanto, nesta pesquisa, as dissertações e teses revelam uma expressiva participação feminina na autoria dos trabalhos apresentados de 2010 a 2019. Dos 132 trabalhos, 95, ou seja, 71,96% foram produzidos por pessoas do sexo feminino e 37 (28,04%) foram produzidos por pessoas do sexo masculino. Algumas questões, entretanto, podem já ser postas. Por que há uma disparidade tão significativa nas produções? Por que pessoas do sexo feminino se sensibilizam mais com temáticas de gênero e sexualidade? A identidade de gênero influencia na escolha das temáticas de estudo na pós-graduação? Por que há uma inversão entre as publicações de artigos e a produção de teses e dissertações? Quais as razões para tal aumento? O que tem motivado geógrafos e geógrafas a investigarem as relações socioespaciais vinculadas a gênero e sexualidades? Como os grupos de pesquisas têm fortalecido e colaborado para ampliação de novas pesquisas?

Além de saber "quantos são" e "onde foram" produzidos e orientados os trabalhos acadêmicos de Geografia que abordaram o gênero e as sexualidades nos últimos sete anos, identifiquei, por meio da análise dos títulos das teses e dissertações, as principais temáticas. O trabalho é um tema predominante: trabalho das mulheres do campo, pescadoras, ribeirinhas, quilombolas, trabalho doméstico, prostituição. A violência e morte também são assunto recorrente. Violência contra mulheres, travestis, transexuais, gays. Há trabalhos sobre saúde da mulher e das travestis. Também há pesquisas sobre festas, turismos, religiões, imigrações e representações. No ensino de Geografia, discute-se o gênero no exercício da docência e a escola como espaço da diversidade. Os recortes espaciais dos estudos são o corpo, a cidade e o campo. Os conceitos geográficos são o lugar, a paisagem, o território, o espaço e a região. São trabalhos que dão visibilidades às questões de gênero e às sexualidades, conformando uma Geografia como denúncia.

Através da técnica da nuvem de palavras, é possível visualizar as palavras-chave mais apresentadas nas teses e dissertações selecionadas nos últimos dez anos (Figura 1). Das 561 palavras registradas, observamos, na Figura 1, o conjunto de palavras utilizadas pelos 132 discentes. Além de a figura ilustrar o recorte espacial, a temática da pesquisa, as categorias e os conceitos geográficos, os termos também remetem aos estudos de gênero e das sexualidades. Foi possível constatar que a categoria "espaço e variações" como "espaço urbano", "espaço-tempo", "espaço agrário", "espaço carcerário", "espaço acadêmico" etc. é a mais citada, aparecendo 47 vezes. Outras palavras em destaque são: gênero e variações como "identidade de gênero", "violência de gênero", "desigualdade de gênero" etc. (46); mulher(es) e variações como: "mulheres quilombolas", "mulheres negras", "mulheres camponesas", "violência contra mulher" (37); território e territorialidade (27); e Geografia (25), demonstrando como as/os pesquisadora(e)s de gênero e sexualidades expressam suas pesquisas.



Figura 1: Nuvem de palavras-chaves de teses e dissertações de Geografia (2010 a 2019)
Fonte: *Plataforma CAPES. (Figura elaborada no site wordclouds.com, em julho de 2019).*

Após identificar a distribuição espacial das instituições de ensino superior que abordaram a temática analisada, bem como a rede de pessoas que participaram de bancas examinadoras de teses e dissertações, identificamos um aumento significativo na produção acadêmica nos PPGGs nos últimos dez anos. Com isso, respondemos às questões iniciais elaboradas a respeito do mapeamento dos trabalhos acadêmicos sobre gênero e sexualidade, bem como identificamos muitos outros questionamentos que possibilitam o desenvolvimento de novas pesquisas. A fim de detalhar parte das informações sistematizadas e dialogar com a questão das mulheres na Geografia, o próximo item problematiza o gênero e as mulheres nas pesquisas geográficas.

Gênero e mulheres nas pesquisas geográficas

Na Geografia nacional e internacional, temáticas relacionadas ao gênero e à sexualidade são objetos de interesse de profissionais preocupados em compreender, denunciar e visibilizar desigualdades, violências, injustiças e dilemas da coexistência de/entre corpos (etnia, classe, sexualidades) diferentes e divergentes, em sua performatividade.

O artigo de Monk e Hanson (2016), publicado em 1982, é tão atual que marcou significativamente o modo como passamos a conceber e compreender a distinção de gênero na academia e no modo de viver, conceber e perceber o espaço vivido. No artigo "Não excluam metade da humanidade da geografia humana", as autoras provocam seus leitores com a pergunta "Por que os problemas femininos são negligenciados?" Elas revelam a diferenciação entre homens e mulheres e as discriminações resultantes de tal diferença nas academias universitárias e como a ausência de pesquisas em torno do tema era explícita ou implícita no campo da Geografia Humana.

A partir desta leitura, passamos a buscar maneiras de abordar as pesquisas geográficas, por meio de abordagens mais sensíveis às questões femininas, em busca de uma Geografia politicamente mais relevante. "Na medida em que os papéis de gênero definem de maneira significativa as vidas de homens e mulheres" (MONK; HANSON, 2016, p. 89), o gênero passa ser uma variável imprescindível nas pesquisas.

Na Geografia, de 2010 a 2019, foram produzidos 78 trabalhos direcionados às mulheres pescadoras, quilombolas, agricultoras/camponesas, ribeirinhas, chefes de famílias, haitianas, negras, travestis, trans, feministas, encarceradas, prostitutas, em movimentos sociais urbanos e rurais, na política e na religião. Também houve trabalhos tratando das mulheres e da violência sexual e doméstica, assim como das mulheres no trabalho. Pesquisas que abordaram o corpo feminino, o corpo travesti e o corpo feminino violentado também apareceram. Trabalhos que discutiram e deram visibilidades para o empoderamento e o trabalho feminino, e investigações sobre ações infracionais cometidas por adolescestes do sexo feminino completam o rol de temáticas.

Na busca de caminhos para a construção metodológica de pesquisa geográfica no âmbito das relações de espaço e gênero, encontramos no feminismo mecanismos de apreensão e compreensão da realidade. Assumo o feminismo latino-americano como potência, capaz de tensionar leituras geográficas da realidade baseadas no sujeito genérico, que invisibiliza a forma de ser, viver e produzir o espaço.

O feminismo latino-americano, com base em Gargallo (2007) e Alvarez (1998), é aquele que denuncia a relação entre o colonialismo, o racismo e as desigualdades econômicas, de oportunidades e de acesso aos serviços públicos. Trata-se de uma chave de leitura para as visibilidades que pretendo alcançar com os estudos de gênero e sexualidades. É um movimento plural e repleto de disputas, que dá voz ao feminismo indígena, ao feminismo lésbico, ao feminismo de lutas populares. É um campo de ações que se dá nos lugares, impregna-se com a cultura local e volta para o todo. O feminismo faz permanentemente esse movimento, unindo o mundo ao lugar, a história que se faz e a história que já foi feita, o futuro e o passado que aparece como presente. É uma construção histórica e, portanto, social, a partir das relações de poder (concreto e simbólico) que envolvem, concomitantemente, sociedade e espaço geográfico.

A partir de referências como Scott (1995), Silva (2009) e Raffestin (1993), passamos a compreender o gênero como as diferenças sexuais que são construídas dentro de um contexto histórico espacial. Tais significados e diferenças culturais dão concretude a relações de poder (subordinação/dominação) a partir de posições hierárquicas entre corpos anatomicamente diferenciados.

Partimos da premissa de que o espaço é um elemento primordial enquanto expressão, meio e condição das normas culturais de gênero e sexualidade. Com base nessa compreensão, observamos no período analisado que uma parte das dissertações e teses abordam a mulher apenas como sinônimo do sexo biológico feminino.

Então, uma nova e relevante questão surge: as pesquisas que visam explicar a espacialização de fenômenos (por exemplo: saúde, atividades econômicas, violência) que concebem as mulheres como grupo social específico de "observação" são estudos de gênero? Em outras palavras, pesquisas que empregam em seus títulos e resumos o substantivo "mulheres", interpretando-as como corpos biologicamente femininos, expressando dimensão quantitativa dos fenômenos que elas compõem, e sem considerar as performatividades, as relações de poder, ou mesmo as diferenças étnico-culturais, podem ser caracterizadas como estudos de gênero e sexualidades?

Tal consideração parte da compreensão de que o conceito de gênero considera a dimensão cultural da diferença sexual a partir de uma perspectiva da construção social dos papéis desempenhados por pessoas, negando a naturalização e a construção universal das diferenças entre sexo biológico. Além disso, ele é relacional e processual na estrutura socioespacial a que pertence. Dá-se a partir das relações de dominação, opressão e/ou cooperação, que transformam as diferenças biológicas (socialmente significadas a partir da construção identitária baseada em polos hierarquicamente estabelecidos entre o masculino e o feminino) em desigualdades sociais.

A partir de uma compreensão sobre gênero e na questão acima elaborada, passamos a observar, interpretar, questionar as formas/conteúdo de ser e estar dos grupos femininos/de mulheres nos trabalhos acadêmicos da Geografia. Ou seja, trata-se de um aspecto relevante do presente que carece de investigações.

Conclusão

Os resultados da pesquisa evidenciam que há geógrafas e geógrafos, em diferentes espaços e escalas, que se dedicam a denunciar, resistir e buscar direitos referentes ao gênero e às sexualidades. Há grupos de pesquisa, pesquisadoras, pesquisadores e estudantes que tensionam o campo de poder hegemônico e hierárquico do saber com suas produções e posicionamento acadêmico.

As informações aqui apresentadas demonstram que a temática do gênero e das sexualidades, no período de análise, é crescente na Geografia brasileira, apesar de ainda representar menos de 1% de todas as dissertações e teses deste campo de conhecimento. O quantitativo dos trabalhos acadêmicos, comparado com o período 1991-2011, é significativamente maior. Do mesmo modo, a representatividade das palavras-chave escolhidas para o estudo, apesar de algumas ainda possuírem reduzida ou nula presença (Figura 1), constitui aspecto que indica a ampliação dos trabalhos da temática. Os trabalhos de gênero ganharam espaço em um número maior de universidades, o que indica que a temática vem quebrando barreiras.

Os motivos para o crescimento constatado não podem ser completamente identificados a partir das informações obtidas nesta pesquisa, contudo, lanço mão de algumas hipóteses para tais mudanças:

a) Transformação da sociedade e no campo científico – devido à maior visibilidade das questões de gênero no cotidiano, nos últimos anos, há tendência de esta temática mobilizar pesquisadores e pesquisadoras, tornando-a algo também mais frequente na academia.

b) Enfrentamento, resistência e luta de pesquisadore(a)s que, após uma fase inicial de estudos pioneiros, consolidaram grupos de pesquisa, grupos de trabalhos (GTs) em eventos e periódicos sobre gênero e sexualidades. Tal consolidação possibilita que haja mais orientadores dispostos a orientar pesquisas "não clássicas", criando espaços para que estudantes possam apresentar e efetivamente possam desenvolver tais pesquisas.

c) Aumento no número de indivíduos buscando investigar relações complexas vivenciadas pelos próprios pesquisadores de dissertações e teses. Contexto no qual o gênero e a sexualidade ganham relevância como temática de denúncia, tornando visíveis situações de conflito, violência e desigualdades e como possibilidade de busca da justiça social.

O presente artigo apresenta um conjunto de informações e constatações, contudo, abre margem para novos questionamentos e ponderações. Trata-se de um percurso de investigação, que se conforma como um primeiro passo em vista da interpretação da relação das mulheres com o espaço urbano e a justiça social.

Referências

ALVAREZ, Sonia. Feminismos Latinoamericanos. **Estudos Feministas**, v. 2, p. 265-284, 1998.

CAPES. **Mapa de distribuição dos programas de pós-graduação em Geografia no país em 2019.** Documento de área 36 – Geografia. Disponível em: https://www.capes.gov.br/images/Documento_de_%C3%A1rea_2019/Geografia.pdf. Acesso em: 10 jul. 2020.

CESAR, Tamires Regina Aguiar de Oliveira. **Gênero, poder e produção científica geográfica no Brasil de 1974 a 2013**. 2015. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, UEPG, Ponta Grossa, 2015.

CESAR, Tamires R. A. de O; PINTO, Vagner A. M.; SILVA, Joseli M. **As Relações de Gênero e as Diversas Áreas da Produção do Conhecimento Científico Geográfico Brasileiro**. Porto Alegre: ENANPEGE, 2017, p. 7296-7307.

GARGALLO, Francesca. Feminismo Latinoamericano. **Revista Venezolana de Estudios de la Mujer**, p. 17-34, jan-jun, 2007.

PAES, Maria Tereza Duarte Paes; CORREA, Antonio Carlos de Barros; MARAFON, Gláucio José. **Documento de Área**. Área 36: Geografia. MEC, CAPES, DAV, 2019. Disponível em: https://www.capes.gov.br/images/Documento_de_%C3%A1rea_2019/Geografia.pdf

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. *In*: EDUCAÇÃO e realidade. Porto Alegre: UFRGS, V. 20, nº. 2, p. 71-97, 1995.

SILVA, Joseli Maria. Ausências e silêncios do discurso geográfico brasileiro: uma crítica feminista ao discurso geográfico brasileiro. *In*: SILVA, Joseli Maria. **Geografias Subversivas**: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009, p. 25-54.

SILVA, Joseli Maria. Geografias feministas, sexualidades e corporalidades: desafios às práticas investigativas da ciência geográfica. In: SILVA, Joseli Maria. (org.). **Geografias subversivas**: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009, v. 1, p. 93-114.

SILVA, Joseli Maria *et al*. O corpo como elemento das Geografias Feministas e Queer: um desafio para análise no Brasil. *In*: SILVA, Joseli M.; ORNAT, Marcio J.; JUNIOR, Alides B. C. (org.) **Geografias Malditas**: corpos, sexualidades e espaços. Ponta Grossa: Toda Palavra, 2013, p. 85-142.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

Notas

1. Agradeço ao Éverton Kozenieski (Docente do curso de Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul, *Campus* Erechim) pelos diálogos, pela leitura e elaboração dos mapas. Também agradeço ao Igor Catalão Docente do Curso de Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul, *Campus* Chapecó) pelos resumos na língua inglesa, espanhola, pela leitura e pelos questionamentos.
2. Tive contato com referências como: Simone de Beauvoir, Michel Foucault, Joan Scott, Judith Butler, Donna Haraway e Rose Gillian. Geógrafas e geógrafos como David Bell, John Binnie, Gill Valentine, Nancy Duncan, Linda McDowell, Gillian Rose e Janice Monk

3. Cabe destacar que o “sexo da autoria”, apresentado no Gráfico 2, foi pesquisado por meio dos nomes masculinos e femininos das autoras e dos autores das dissertações e teses, pois a pesquisa feita para este artigo não acessou as informações do Registro Geral (RG) do(a)s autore(a)s